



XIII CONUCIC

Congresso UFPE de Ciências Contábeis



ANSIEDADE NO ÂMBITO ACADÊMICO: UM ESTUDO COM DISCENTES DE UMA INSTITUIÇÃO PRIVADA

Josefa Mônica Alves Justino

Faculdade Santa Helena

Emmanuella Guedes Farias

Faculdade Santa Helena

Joelmir Beteng Claudino Batista

Faculdade Santa Helena

Rafaela Maria José Bertino Barros

Unifavip/UniSão Miguel

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo identificar se o discente do curso de Ciências Contábeis, de uma instituição de ensino superior, privada, apresenta ansiedade durante a sua graduação. Quanto ao objetivo, essa pesquisa foi classificada como exploratória-descritiva. O método de levantamento utilizado foi um questionário, ao qual foi dividido em perfil dos estudantes e pela medição da ansiedade Traço/Estado. A amostra foi composta por 170 alunos, entre 17 até acima de 45 anos, do 2º ao 8º período. Em relação ao perfil dos mesmos, tem-se que 50,5% são mulheres, entre 21 a 25 anos e 38% atuam no mercado de trabalho. Quanto ao nível de ansiedade diante de “provas” tem-se que as mulheres apresentam um nível maior do que os homens, 76% na coluna “bastante” ou “muito” nervosas. Quanto a técnica de seminário, 83% das mulheres também declararam possuir “bastante” ou “muita” ansiedade com as apresentações de seminários. Sobre o nível Traço, as variáveis “Preocupo-me demais com coisas sem importância” e “as ideias sem importância entram na minha cabeça e me preocupam”, 44,1% dos alunos afirmaram estar nessa condição de “às vezes”. Quanto ao nível Estado, na variável “sinto-me nervoso”, 49% dos graduandos afirmam se sentir “um pouco” nervoso. Em relação a variável “sinto-me agitado”, a coluna “um pouco” totalizou 39%, para ambos os sexos. Portanto, esse estudo sugere a necessidade de que outras pesquisas sejam aprofundadas sobre a ansiedade no âmbito acadêmico, e que as instituições junto com o corpo docente, busquem formas de mitigar tais sintomas.

Palavras chave: Ansiedade no âmbito Acadêmico. Rendimento Acadêmico. Estudantes Universitários. IDATE.



1 INTRODUÇÃO

A necessidade de ter um nível de educação maior, visando uma realização profissional e pessoal, leva o ser humano a se multiplicar no que se refere às suas atividades diárias. Segundo o Censo da Educação Superior (2016), entre 2000 e 2015 houve um aumento de 62,8% de matrículas na educação superior (graduação), com uma média anual de 5% de crescimento. Na busca por conhecimento, os estudantes ao ingressar no ensino superior, criam uma expectativa de ampliação de seus saberes. No entanto, em algumas situações esse desejo de realização tem trazido consequências indesejáveis para vida de alguns dos discentes, ao ponto do mesmo questionar se está indo pelo caminho certo ou não.

Em termos gerais, a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2017), aponta que 33% da população mundial sofre de ansiedade. O Brasil aparece como um dos primeiros das listas da organização.

Em relação aos estudantes universitários Brandtner e Bardagi (2009) afirmam que, 10% dos alunos que ingressam na universidade, tendem a desencadear transtornos mentais não psicóticos, relacionados à ansiedade e à depressão nesse período. De acordo com Mondardo e Pedon (2012), as adaptações e mudanças assumidas ao ingressar numa faculdade, podem dificultar o rendimento acadêmico do estudante.

Dados levantados pelo Censo Nacional da Educação Superior (2015), apontam que o curso de Ciências Contábeis, ocupa o 5º lugar no número de matrícula no Brasil, tornando-se assim uma colocação expressiva em relação aos cursos específicos. No entanto, segundo dados apontados pelo ENADE (Exame Nacional de Avaliação de Desempenho de Estudantes, 2015), o rendimento acadêmico desse curso, obteve em média 37,1%, o que para eles é considerado baixo em relação ao esperado dos discentes.

Conforme Almeida e Aleluia (2010), o desconforto relacionado às situações momentâneas ou futuras pode desencadear a ansiedade, inclusive na fase acadêmica, no momento em que o discente é avaliado, ao qual é medido seu nível de conhecimento. As dúvidas e inseguranças no período acadêmico, o distanciamento da família, as dificuldades em estabelecer um relacionamento afetivo, o medo, podem ser características de ansiedade (CALLAIS, 2007).

Segundo Zimbardo (2002), a competição e a realização pessoal de forma excessiva, pode gerar sintomas de ansiedade, principalmente pelo receio que o indivíduo tem de ser rejeitado e desvalorizado dentro do meio em que vive.

As pesquisas realizadas por Marcher et al. (2011), apontam que pode haver uma relação entre ansiedade e o rendimento acadêmico. Para Escudeiro (1999), diante das expectativas ao futuro profissional, o discente se sente pressionado a obter um desempenho acadêmico de forma excessiva, podendo desencadear sintomas de ansiedade.

Nos apontamentos de Mondardo e Pedon (2012), na fase acadêmica, o estudante assume mais responsabilidades, e isso pode desencadear alguns sintomas de estresse, como nervosismo, desconforto, inseguranças, principalmente nas situações avaliativas.

Qual a percepção dos discentes do curso de ciências contábeis em relação a ansiedade nos processos avaliativos? Diante desse contexto, o presente artigo tem como objetivo geral identificar se o discente do curso de Ciências Contábeis, de uma instituição de ensino superior, privada, localizada na cidade de Recife, apresenta ansiedade durante a sua graduação. Para tanto, elencou-se os seguintes objetivos específicos: mapear o perfil do aluno;



identificar os níveis de ansiedade dos graduandos nos processos avaliativos; entender as medidas de personalidade e avaliar o estado emocional temporário dos sujeitos

Conforme os apontamentos apresentados e como sendo a ansiedade um problema da atualidade, que pode causar diversos sintomas indesejáveis ao indivíduo, pelo aspecto físico e/ou psíquico, justifica-se a necessidade de investigar se a ansiedade interfere no rendimento acadêmico.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Características da Ansiedade

Na fase acadêmica o estudante em geral, assume responsabilidades antes não vivenciadas, e devido a uma rotina mais intensa, o mesmo pode desencadear alguns tipos de transtornos de ansiedade podendo interferir no rendimento acadêmico, ao qual o estresse acumulado nessa fase, tende a diminuir a concentração, a memória e prejuízo na capacidade de assimilação, (FERREIRA ET AL, 2009).

Karino (2010) em seus apontamentos, descreve a ansiedade como sendo uma reação normal do ser humano, desde que induza o organismo do indivíduo a se prevenir dos efeitos causadas por situações consideradas incômodas.

De acordo com Holmes (1997), a ansiedade pode ter um fator positivo, quando serve como um sinal de alerta, diante de um conflito interno, podendo servir como estímulo aos alunos no momento em que são expostos a situações avaliativas, como provas e seminários. Já para Braga et al. (2010), caracteriza a ansiedade como negativa, quando causa sérios danos à saúde física e mental ao indivíduo, podendo limitar o aluno, no que refere a sua capacidade de aprendizado na fase acadêmica.

Para Gardner e Bell (2001), na atualidade, diversas são as discussões que apontam a ansiedade como um sintoma normal do indivíduo, quando este se sente ameaçado por algo que acontece de forma momentânea, tornando-se patológico quando altera sua rotina e seu estilo de vida.

Conforme Andrade et al. (1998), os sintomas de ansiedade podem ser evidenciados a qualquer momento na vida do indivíduo, e os transtornos de ansiedade estão entre os mais frequentes na dimensão psiquiátrica.

Para Holmes (1997), as mulheres tendem a manter um nível de ansiedade maior que do homem. Corroborando com este achado e explicando tal fenômeno, Soares e Martins (2010), indicaram que essa diferença se evidencia, devido ao fator biológico e das várias atividades desempenhadas pelo sexo feminino diariamente, podendo elevar seu nível de estresse.

Pereira (2012), ao realizar seu estudo classificou a ansiedade em quatro tipos, a saber: a ansiedade mínima, leve, moderada e grave, da qual apenas na variável da ansiedade mínima, o sexo masculino não foi preponderante. Portanto, indo de encontro aos achados encontrados nos estudos anteriores de Holmes (1997) e de Soares e Martins (2010).

Deste modo, entende-se que ao estar inserido em sociedade, é suscetível que ocorra no indivíduo sintomas de ansiedade, e deve-se ficar alerta por algo que surja de forma ameaçadora, mas extremamente negativa quando há um excesso desses sintomas. Portanto torna-se



fundamental averiguar, se no âmbito acadêmico, que é o foco desse estudo, a ansiedade possui força suficiente, para interferir de forma maléfica nessa fase.

2.2 Rendimento Acadêmico

Nas últimas décadas, mirando o conhecimento, o ensino superior tem sido o ponto de partida de muitas pessoas, para alcançar realizações pessoais e profissionais. Todavia, como destacado por Carvalho et al. (2015), o ingresso na vida acadêmica é um grande desafio enfrentado pelo discente, onde aspectos estressores podem surgir e desestabilizar seu rendimento. Para D'Avila e P Soares (2003), as reações indesejadas como nervosismo, inquietação, insegurança, dores de cabeça, entre outras, tendem a dificultar a concentração dos estudantes.

Conforme Barlow (1999), os “brancos”, conhecidos pelo aluno no momento de uma avaliação, pode estar relacionado a ansiedade. Esses “brancos” que advém no momento em que o seu aprendizado é testado, são influenciados pelo excesso de tarefas executadas diariamente pelo aluno e também pelo ambiente externo, afetando a concentração e consequentemente o rendimento acadêmico. Corroborando com os estudos de Oliveira e Duarte (2004), quando abalizaram que as pressões do meio externo, sinaliza que para ser aceito na sociedade, o indivíduo tem que ter sucesso, e que este só será alcançado, se seu rendimento for acima das expectativas, caso contrário é considerado um “perdedor”, podendo portanto, ser um fator que desencadeia os sintomas de ansiedade por conta da pressão sofrida.

De acordo com Golveia et al. (2007), o rendimento acadêmico é a mensuração do resultado final obtido em cada disciplina. Já na percepção de Munhoz (2004), o rendimento acadêmico é o resultado do desempenho obtido pelo aluno na fase acadêmica, podendo segundo o autor, ter como resultado, um rendimento abaixo do esperado, se o nível de ansiedade surgir de maneira não pertinente nessa fase.

Os estudos de Campbell (2007), indicaram haver uma correlação negativa entre a ansiedade e o rendimento acadêmico, visto que o nível de ansiedade nessa fase, tende a aumentar de forma não desejada, comprometendo o desempenho do aluno. Fundamentando o que apontam os estudos de Cruz et al. (2010), ao sugerirem que numa avaliação oral, o aluno evidencia a presença da ansiedade, fato que segundo os autores, não ocorre na avaliação de um trabalho realizado em grupo. Já Guimarães (2014), em seus apontamentos, indica que a ansiedade se relaciona negativamente com o rendimento do aluno, no momento que o mesmo desiste de apresentar um seminário ou quando é submetido a uma prova.

Thomaz, Rocha e Machado Neto (2011), vão mais além, visto que em seus estudos, os fatores que desencadeia a ansiedade na fase acadêmica, pode levar à desistência do curso. Endossando assim, o que outros estudos, apesar de ainda serem poucos, evidenciaram que a ansiedade interfere ao ponto do aluno se sentir incapaz de concluir o curso.

De acordo com Marcher et al. (2011), os alunos mais ansiosos por dedicarem menos tempo aos estudos, estão propensos a apresentar um maior índice de procrastinação, podendo resultar em estresse, sensação de culpa, vergonha, entre outros. Já os estudos de Brown et al. (2014), indicaram que o indivíduo ao confiar na sua capacidade de realizar determinada tarefa, visando obter sucesso na sua realização, demonstra ter um nível muito menor de ansiedade. Se assemelhando aos apontamentos de Holmes (1997), que a ansiedade pode ser positiva, quando o aluno encara a situação como um desafio, e ao se esforçar mais nos estudos, grandes serão as chances de alcançar um resultado satisfatório.



Para Cardozo et al., (2016), torna-se necessária a implementação de estratégias, que possam identificar as dificuldades enfrentadas pelo discente, objetivando controlar o sintoma de ansiedade no período acadêmico.

Nos apontamentos de Hill (1998), o rendimento acadêmico se relaciona com a experiência, o conhecimento e a formação do corpo docente. No entanto, Hanushek (1979), vai mais além, quando sugere que o desempenho do aluno, pode ser influenciado pelo poder governamental, no que se refere as características das instituições de ensino, da qualidade do corpo docente e da capacidade de aprendizado do aluno.

Se assemelhando portanto, com os estudos realizados por Costa e Boruchovitch (2004), quando sugere que o professor esteja preparado para saber lidar com possíveis níveis de ansiedade desencadeada pelo aluno, adotando mecanismos de aprendizagem que possam mitigar tais sintomas.

3 METODOLOGIA

No que tange ao objetivo, essa pesquisa foi classificada como exploratória-descritiva. A pesquisa exploratória, segundo Gil (2002), estuda as características específicas de um grupo ou fenômeno ainda pouco explorado, onde os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados. Enquanto que a descritiva, de acordo com Parra Filho e Santos (2011), é realizada sem a interferência do pesquisador, ao qual observa-se apenas as variáveis relacionadas com o objeto da investigação.

Quanto a abordagem do problema, foi utilizada a quantitativa, caracterizada pelo uso da quantificação, na coleta e no tratamento das informações, através de técnicas estatísticas (RICHARDSON, 1999). Seu objetivo é de chegar nos resultados, sem possíveis distorções de análise e interpretação (DIEHL, 2004).

O método de levantamento utilizado, foi o de um questionário. Apresenta-se com variáveis distintas, geralmente por tabelas e gráficos (FACHIN, 2003). Este questionário foi dividido em: perfil dos estudantes; IDATE/Traço e IDATE/Estado, ao qual esses últimos, foram retirados do questionário IDATE, traduzido e validado por Biaggio (1998).

O questionário IDATE/Traço busca identificar a personalidade do indivíduo, no sentido de perceber tendências ameaçadora a um número de situações vividas diariamente. Enquanto que o IDATE/Estado, é um estado momentâneo, caracterizado por medo, tensão, insegurança, entre outros, elevando a atividade do sistema nervoso. A estrutura deste questionário é apresentada na tabela 1.

Tabela 1: Estrutura do questionário

Questionário	Dicotômicas	Múltipla Escolha	Escala Likert		Total
	N Questões	N Questões	Grupo	N Questões	
Perfil Respondentes	2	4	1	2	8
IDATE/TRAÇO			1	20	20
IDATE/ESTADO			1	20	20

Fonte: elaborado pelos autores (2018).



Conforme Vergara (1997), o universo é o conjunto de elementos possuidores de características, que serão objeto desse estudo. A amostra segundo Lakatus e Marconi (2007) conceitua como sendo um subconjunto selecionado do universo ou população que está sendo pesquisada. A análise dos dados foi feita através da estatística descritiva, que de acordo com Collins; Hussey (2005) foca em resumir, descrever ou apresentar dados através de tabelas ou gráficos que passem informações de uma forma clara e de fácil entendimento. O universo ou população foi formado por 874 estudantes matriculados. Já sua amostra foi composta por 170 alunos respondentes, do curso de Ciências Contábeis do 2º ao 8º período, dos turnos diurno e noturno de uma instituição, privada, localizada na cidade do Recife, entre os meses setembro e outubro de 2018.

4 RESULTADOS E ANÁLISES DOS DADOS

A análise de dados foi dividida em duas etapas, a primeira foi em relação ao perfil do respondente e a segunda no questionário IDATE nível Traço e Estado. A aplicação do perfil dos respondentes pode ser evidenciadas na Tabela 2.

Tabela 2 – Perfil dos Respondentes

Sexo	Freq	%		
Feminino	86	50,5		
Masculino	84	49,5		
Faixa Etária	Feminino		Masculino	
	Freq	%	Freq	%
Menos de 20	4	5	6	7
21 à 25	33	38	32	38
26 à 30	19	22	18	21
31 à 35	11	13	15	18
36 à 40	7	8	6	7
41 à 45	9	10	5	6
Mais de 45	3	4	2	3
Período	Freq	%	Freq	%
2º	15	18	17	20
3º	14	16	15	18
4º	9	10	3	4
5º	1	1	0	0
6º	33	38	33	38
7º	14	16	16	19
Trabalha na área	Freq	%	Freq	%
Sim	33	38	35	42
Não	53	62	49	58

Fonte: elaborado pelos autores (2018)



A tabela 2 evidencia o perfil do respondente, onde observa-se que existe um leve diferença entre os sexos, onde as mulheres corresponde a 50,5% do total. Para uma análise mais detalhada, foi feito o levantamento por gênero.

Observa-se que a maior concentração de alunos está compreendida na faixa etária de 21 à 25 anos, tanto para homens como mulheres essa faixa etária ocupa 38% do total. Alunos com mais de 36 anos correspondem apenas 22% do total de respondentes, ou seja, significa que a maioria dos estudantes que compõe a amostra é um público jovem.

No que diz respeito ao período em que os alunos estão matriculados, o sexto período predominou em 38% para ambos os sexos. Quanto aos que atuam na área, a maioria dos respondentes (ambos os sexos), não atuam na área

Tabela 3 – Reprovou alguma disciplina? Quantas?

Número de disciplinas	Feminino		Masculino	
	Freq	%	Freq	%
1	7	8	12	14
2	8	9	9	10
3	6	7	2	2
4	3	4	4	5
5 ou mais	2	3	3	4
Nunca reprovou	60	69	54	65

Fonte: elaborado pelos autores (2018)

Questionou-se aos alunos, que eles já haviam reprovado alguma disciplina, tanto para homens quanto para mulheres mais de 60% nunca reprovaram uma cadeira. Ao observa-se as respostas de quem já reprovou, a maior concentração foi de apenas uma disciplina.

Tabela 4 – Como Você Avalia Seu Rendimento

Sexo	Ótimo		Bom		Regular		Ruim	
	Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%
Feminino	8	9	58	67	19	22	1	2
Masculino	7	8	57	68	19	22	1	2

Fonte: elaborado pelos autores (2018)

A tabela 4 expressa a percepção dos alunos sobre o próprio rendimento acadêmico. Observa-se, que a maioria afirma ter um “bom” rendimento. Em relação a opção “ruim” apenas uma mulher e um homem, afirmaram possuir esse tipo de rendimento. Significando dizer que independente dos desafios advindos do ambiente interno e externo, os mesmos evidenciam como satisfatório seu rendimento.



Tabela 5 – Seu nível de ansiedade aumenta.

		Bastante		Muito		Pouco		Não aumenta	
		Freq	%	Freq	%	Freq	%	Freq	%
Feminino	Prova	31	36	32	37	23	28	0	0
	Seminário	44	51	32	37	8	9	2	3
Masculino	Prova	13	15	19	23	42	50	10	12
	Seminário	24	28	28	33	27	32	5	7

Fonte: elaborada pelos autores (2018)

Buscou-se analisar a percepção dos alunos sobre o nível de ansiedade diante de provas e seminários. Em relação a prova, as mulheres apresentam um nível de ansiedade maior do que os homens, 76% delas declararam que se sentem “bastante” ou “muito” nervosas diante desse processo avaliativo. Já 62% dos homens, declaram-se sentir “pouco” ou “nenhuma” ansiedade diante de provas.

No que diz respeito a técnica de seminário, 83% das mulheres também declararam possuir “bastante” ou “muita” ansiedade com a apresentações de seminários. A técnica de seminário para os respondentes do sexo masculino resultaram em 56% para “bastante” ou “muito”. Significando dizer que nos momentos avaliativos, o nível de ansiedade entre as mulheres é maior do que os homens. Corroborando com os apontamentos de Soares e Martins (2010) quando argumentam que essa diferença pode ser devido a várias atividades exercidas pela mulher no decorrer do dia, além de possuírem fatores biológicos diferentes dos homens, que pode interferir no seu estado emocional no momento em que são avaliadas.

Na tabela 5, também pode-se observar que os homens ficam mais ansiosos em apresentação de seminários, do que nas provas.

Tabela 6 - Ansiedade Traço dos Respondentes: medidas de personalidade

Nível Traço	F	Quase sempre		Frequentemente			Às vezes		Às Quase nunca	
		F	M	F	M	F	F	M	F	M
1.Bem		13,2%	28%	27,3%	15%	9,3%	6%	0,6%	0,6%	
2.Canso facilmente		7%	3%	8%	9%	23,5%	23%	10,5%	16%	
3.Tenho vontade de chorar		2,5%	1%	3,3%	2%	23,5%	10%	23,7%	34%	
4.Perco oportunidade por ser indeciso		5,2%	3%	5%	2%	20%	30%	15,80%	19%	
5.Gostaria de ser feliz como as outras pessoas		6,4%	3%	10,2%	8%	15%	11%	28,4%	18%	
6.Me sinto descansado		3%	2%	4,60%	6%	21,50%	32%	19,90%	11%	
7.Sou calmo, ponderado, sr.de mim mesmo		15,1%	12%	16,1%	18%	17,2%	11%	5,6%	5%	
8.Sinto as dificuldades se acumulando de tal forma que não consigo resolver		2,2%	6%	11,2%	10%	22%	30%	5,6%	13%	
9.Preocupo-me demais com coisas sem importância		6,5%	6,5%	6,5%	14,7%	23,1%	21%	5,7%	16%	
10.Sou feliz		25%	23%	24%	14%	7%	6%	0,3%	0,7%	
11.Deixo-me afetar muito pelas coisas		10%	7%	16,2%	12%	21%	15%	3,8%	15%	



12. Não tenho muita confiança em mim mesmo	3,4%	6%	6%	4%	20%	13%	23,8%	23,8%
13. Me sinto seguro	12%	15%	18%	21%	18%	9%	5%	2%
14. Evito ter que enfrentar crises ou problemas	6,3%	15%	15%	11%	12%	19%	2,7%	19%
15. Sinto-me deprimido	3,1%	1%	1,7%	1,7%	10,6%	10,6%	24,2%	46%
16. Estou satisfeito	11,4%	15%	18%	19%	14,3%	18%	1,3%	3%
17. Às vezes, as ideias sem importância entram na minha cabeça e me preocupam	6%	4%	6,3%	6%	25,1%	19%	27,6%	6%
18. Levo os desapontamentos tão a sério, não consigo tirá-los da cabeça.	8%	7%	10,4%	9%	12%	25%	10,6%	18%
19. Sou pessoa estável	11,5%	11,5%	18%	12%	13%	19%	2,5%	2,5%
20. Fico tenso e perturbado com os problemas do momento	18%	14%	14%	15%	17%	16%	3%	3%

Fonte: questionário IDATE com dados da pesquisa 2018

De acordo com os resultados expresso na tabela 6, percebe-se em relação a variável “bem”, os respondentes afirmam se sentir “quase sempre” nesta condição, sendo 41,2% do total dos alunos, ao observar as proporções por sexo, do total supra citado 13, 2% são mulheres e 28% são homens.

Em relação a variável “tenho vontade de chorar” 33,5% das respostas encontra-se na coluna “às vezes” onde 23,5% foi de mulheres e 10% homens. Ao analisar a variável “perco oportunidade por ser indeciso” o sexo masculino foi destaque na opção “às vezes” onde apresentou 30% e as mulheres 20%.

No que tange ao “me sinto descansado”, apenas 15,6% dos totais dos respondentes afirmam estar “quase sempre” ou “frequentemente” nessa condição, o que serve de alerta pois 84,4% dos alunos não se sentem descansados, o que pode interferir no seu rendimento acadêmico.

Ao analisar a variável “Preocupo-me demais com coisas sem importância”, 44,1% dos alunos afirmaram estar nessa condição de “às vezes”. Corroborando com esses resultados, a variável “Às vezes, as ideias sem importância entram na minha cabeça e me preocupam” também foi destaque na coluna “às vezes”, pois atingiram 44,1% dos respondentes.

Na variável “sou uma pessoa estável” a coluna “quase nunca” preponderou em 5% para ambos os sexos. Em relação a variável “me afeto facilmente” 28,2% dos respondentes afirmam que isso ocorre frequentemente. O que denota uma fragilidade emocional dos graduandos.

Constata-se que mesmo diante de tantas afirmações, 86% dos alunos afirmam ser quase sempre ou frequentemente feliz.

De acordo com Spielberger et al. (1970) o IDATE/traço tendem em perceber como ameaçadoras situações que muitas vezes não existem.

Tabela 7- Ansiedade Estado dos Respondentes: estado emocional temporário.

	Muitíssimo	Bastante	Um pouco	Não
--	------------	----------	----------	-----



Nível Estado	F	M	F	M	F	M	F	M
1. Sinto-me calmo	7%	12%	22,4%	24%	20%	16%	1,6%	5%
2. Sinto-me seguro	7,3%	5%	14,5%	29%	22%	28%	1,2%	3%
3. Estou tenso	3,2%	1%	10,3%	2%	31%	18%	16,5%	18%
4. Estou arrependido	3,3%	2%	3,3%	4%	14,4%	12%	28%	35%
5. Sinto-me à vontade	12%	13%	17,4%	22%	18%	12%	2,8%	2,8%
6. Sinto-me perturbado	1,3%	2%	3%	3,4%	14,1%	14,1%	34,1%	29%
7. Estou preocupado com possíveis infortúnios	1,15%	1,15%	6%	6,3%	19,5%	19,5%	17,4%	29%
8. Sinto-me descansado	0,7%	2,3%	7,5%	6%	31,4%	18%	18,1%	16%
9. Sinto-me ansioso	12%	3%	16%	6%	24%	18%	3%	18%
10. Sinto-me em “casa”	3,4%	6%	5,1%	19%	11,4%	28%	18,1%	9%
11. Sinto-me confiante	13,4%	6%	20,2%	18%	18%	18%	1,4%	5%
12. Sinto-me nervoso	2%	6%	5,5%	5%	23,5%	23,5%	17,5%	17%
13. Sinto-me agitado	4,4%	2%	10,3%	2%	19,5%	19,5%	23%	19%
14. Sinto-me uma pilha de nervos	2,1%	2%	8,3%	4%	12,2%	9%	23,4%	39%
15. Estou descontraído	3,4%	6%	13%	12%	20%	23%	10,6%	12%
16. Sinto-me satisfeito	6%	9%	32,5%	18%	22,1%	12%	4,4%	6%
17. Estou preocupado	5,4%	4%	5,2%	6%	25%	18%	18,4%	18%
18. Sinto-me superexcitado e confuso	1,75%	1,75%	5,5%	5%	14,4%	12%	23,6%	36%
19. Sinto-me alegre	16%	12%	23,3%	22%	9,2%	12%	1,5%	4%
20. Sinto-me bem	18%	17%	24%	19%	6%	11%	2%	3%

Fonte: questionário IDATE com dados da pesquisa 2018

Conforme os resultados analisados na tabela 7, que objetiva identificar o nível-estado do aluno, como ele se sente ao se deparar com uma ameaça de forma momentânea. Consta-se que em relação a variável “sinto-me calmo”, 65,4% do total dos respondentes se sentem “muitíssimo” ou “bastante”, ao observar esses resultados por sexo, 36% são homens e 29,4% são mulheres, o que indica que homens se sentem mais calmos do que as mulheres.

No entanto, na variável “sinto-me nervoso”, 49% dos graduandos afirmam se sentir “um pouco” nervoso. Em relação a variável “sinto-me agitado”, a coluna “um pouco” também se destacou, totalizando 39%, onde homens e mulheres permanecem com o mesmo percentual. No que diz respeito a variável “estou tenso” 83,5% disseram que “não” ou sentem “um pouco” de tensão.

Em relação a variável “sinto-me alegre” 73,5% dos alunos afirmam-se sentir “muitíssimo” e “bastante”. Corroborando com tal sentimento, a variável “bem” também obteve boa parte dos respondentes nas opções supracitadas, totalizando 78% das respostas. No que tange a variável “sinto-me satisfeito” 65,5% dos respondentes sentem-se “muitíssimo” e “bastante”. Nota-se



que há um conjunto de respostas harmônicas entre o estado emocional temporário dos alunos participantes do estudo.

5 CONCLUSÃO

Esta investigação teve por objetivo identificar se o discente do curso de Ciências Contábeis, de uma instituição de ensino superior, privada, localizada na cidade de Recife, apresenta ansiedade durante a sua graduação.

Para tanto, fez-se o mapeamento do perfil do respondente. Observou-se não há diferenças entre o percentual de homens e mulheres, e que a faixa etária predominante foi de 21 a 25 anos. Em relação a percepção dos mesmos sobre o seu rendimento acadêmico, 67% das mulheres e 68% dos homens respectivamente, avaliam seu rendimento como “bom”.

No que tange aos níveis de ansiedade nos processos avaliativos, constatou-se que 44% dos discentes aumentam esse sentimento “bastante” no momento que se submetem a “provas” e 68% em “seminários”, sendo que, as mulheres declararam-se ser mais ansiosas do que os homens nos processos avaliativos de provas e seminários.

Quanto as medidas de personalidade, observou-se que na opção “às vezes” 44, 1% dos alunos se preocupam com coisas sem importância (variável 9, tabela 6). Corroborando com esses resultados, tem-se também que os mesmos afirmaram na opção “às vezes” que se preocupam com ideias sem importâncias (variável 17, tabela 6), nesse último caso, o percentual alcançou também os 44,1%. Entretanto, desse total tem-se que, as mulheres também apresentam um maior nível de ansiedade-traço 23,1% e 25,1% em relação aos homens.

Os resultados apresentados no estado emocional temporário, evidenciou que a variável “sinto-me calmo” representados pelo total de 65,4% da coluna “às vezes”, 29,4% do sexo feminino afirma-se sentir nessa condição, e os homens indicam 36%. Desta forma, constata-se que os homens se sentem mais calmos que as mulheres quando se deparam com situações de ameaça momentânea.

Portanto, esse estudo sugere à necessidade de que outras pesquisas sejam aprofundadas sobre a ansiedade no âmbito acadêmico, e que as instituições junto com o corpo docente, busquem formas de mitigar tais sintomas.

6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L.S., E CRUZ J.F.A. (2010). Transição e adaptação acadêmica: reflexões em torno dos alunos do 1º ano da Universidade do Minho. In Actas do Congresso Ibérico “Ensino Superior em mudança: tensões e possibilidades”

ANDRADE, L., GENTIL FILHO, V., LAURENTI, R., e LOLIO, C. (1998). Prevalence of Mental Disorders in an Epidemiological Catchment Area in the City of São Paulo, Brazil. Soc Psychiatry Epidemiol.



BARLOW, D. H., & Cerny, J. A. (1999) Tratamento psicológico do pânico. Porto Alegre: Artmed.

BIAGGIO, A.M.B. e NATALÍCIO, L. Manual para o Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE). Centro Editor de Psicologia Aplicada- CEPA, Rio de Janeiro, RJ, Brasil 1979.

BRAGA, JEF.et al. Ansiedade Patológica: Bases Neurais e Avanços na Abordagem Psicofarmacológica. Revista Bras.de Saúde,n.14(2) 2010.

BRANDTNER, M; BARDAGI, M. sintomatologia de Depressão e Ansiedade em Estudantes de uma Universidade Privada do Rio GRANDE DO SUL. Revista Interinstitucional de Psicologia, Uberlândia-MG, 2009.

BROWN ET AL. (2014). Chances in self-efficacy and outcome expectancy as predictors of anxiety outcomes from the calm study. Depression and Anxiety, 31,678-689

CALLAIS, S. L., ANDRADE, L. M. B., & LIPP, M. E. N. (2007). Diferenças de sexo e escolaridade na manifestação de stress em adultos jovens. Psicologia: Reflexão e Crítica.

CAMPBELL, M.M. (2007). Motivational Systems Theory And The Academic. Performance Of College Students. Journal of College Teaching e Learning.

CARDOZO, M. Q., et al. Fatores associados à ocorrência de ansiedade dos acadêmicos de Biomedicina. Revista Saúde e Pesquisa, v. 9, n. 2, maio/ago. Maringá-PR, 2016.

CARVALHO E. A.; et al. Índice de Ansiedade em Universitários Ingressantes e Concluintes de uma Instituição de Ensino Superior. Revista Cienc. Cuid. Saúde, Jul/Set, n. 14(3), 2015

CENSO NACIONAL DA EDUCAÇÃO SUPERIOR (2015/2016)

COLLINS, J. & HUSSEY, R. - Pesquisa em Administracao: um guia pratico para alunos de Graduacao e Pos-Graduacao, Bookman, 2005.

COSTA DT, MARINS MC. Estresse em profissionais de enfermagem: impacto do conflito no grupo e do poder do médico. Rev Esc Enferm USP. 2011; 45(5):1191-8. 12.

COSTA, E. R., & BORUCHOVITCH, E. A. (2006). Auto-eficácia e a motivação para aprender: Considerações para o desempenho escolar dos alunos. Em Azzi, R. G., & Polydoro, S. A. J. (Orgs.). Auto-eficácia em diferentes contextos. (pp. 87-109). Campinas: Editora Alínea

CRUZ, R. M. Medidas de carga mental de trabalho. In: Cruz, R. M., Sarda, J. J. e Alchieri, J. C. (2010) Avaliação e medidas psicológicas: produção do conhecimento e da intervenção profissional. São Paulo



D'AVILA, G. T. & SOARES, D. H. P. (2003). Vestibular: fatores geradores de ansiedade na cena da prova. Revista da ABOP.

DIEHL, A. A. Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

ENADE - Exame Nacional de Avaliação de Desempenho de Estudantes, 2015.

ESCUDERO, R. M. P. (1999). Assessoria comportamental no manejo do medo de falar em público. Dissertação de Mestrado, PUCAMP, Campinas, São Paulo.

FACHIN, ODILIA. Fundamentos de Metodologia. 4. ed. São Paulo. Saraiva, 2003

FERREIRA, M. C. ET AL. Desenvolvimento e validação de uma escala de afetos no trabalho (Esafe). Avaliação Psicológica. 2008.

GARDNER, J E BELLA. (2001). *Superando a Ansiedade, o Pânico e a Depressão: novas maneiras de recuperar a autoconfiança*. São Paulo: Madras.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002

GOLVEIA, V. V. ET AL. Dimensões normativas do individualismo e coletivismo: É suficiente a dicotomia pessoal vs. social? Psicologia: Reflexão e Crítica 2007.

GUIMARÃES, F. & RANGÉ, B. (2014). Fobias específicas. Em B. Rangé (Org.) Psicoterapia Comportamental e Cognitiva de Transtornos Psiquiátricos. Editorial PSY II.

HANUSHEK, E. A. Conceptual and empirical issues in the estimation of educational production functions. Journal of human resources.

HILL. MARY CALLHAN. Class size and student performance in introductory accounting courses: further evidence. Issues in Accounting Education. v.13. n.1. p.47-64. Feb, 1998.

HOLMES, D.S. (1997). Psicologia dos Transtornos Mentais. Tradução de Sandra Costa. 2ª. ed. Porto Alegre: Artmed.

INEP-Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/apresentacao/2014/coletiva_censosuperior2015.pdf>

KARINO C. A. (2010) Avaliação do efeito das ansiedade no desempenho em provas. 2010. 175 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações Instituto de Psicologia) – Universidade de Brasília, Brasília.

KUREBAYASHI, L. F. S.; PRADO, J. M. Eficácia da auriculoterapia na redução de ansiedade em estudantes de enfermagem. Rev Esc Enferm., USP, n. 46(5), 2012.



LIPP, M.E. E MALAGRIS, L.E.N. (2001). O Stress emocional e o seu tratamento .In: Rangé, B. (2001). Psicoterapias Cognitivo-Comportamentais: um diálogo com a psiquiatria. Porto Alegre: Artmed Editora. Parte V, 475-490.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de metodologia científica. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2006. ... Petrópolis: Vozes, 2007.LAKATOS E MARCONI (2007)

MARCHER D.D.PAECHTER M., PAPOUSEK I, E RUGGERI K.(2011). Statistics anxiety, trait anxiety, learning behavior, and performance. Eur. J. Psychol.

MEDEIROS, P.P.; BITTENCOURT, F.O. Fatores associados à Ansiedade em Estudantes de uma Faculdade Particular. Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia, Janeiro de 2017, vol.10, n.33, p. 43-55. ISSN: 1981-1179.

MONDARDO, A.H., E PEDON, E.A. (2012). Estresse e desempenho acadêmico em estudantes universitários. Revista de Ciências Humanas.

MUNHOZ, A.M.H. (2004) Uma análise multidimensional da relação entre inteligência e desempenho acadêmico em universitários ingressantes. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

OLIVEIRA, M.A. E Duarte, A.M.M. (2004). Controle de respostas de ansiedade em universitários em situações de exposições orais. Ver.bras.ter.comport.cogn.,São Paulo, 6(2), 183-200.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – Cross-national comparisons of the prevalences and correlates of mental disorders,2000 e 2004.

PARRA FILHO E D, Santos JA. Metodologia científica. 5. reimp. São Paulo: Futura, 2003.

PEREIRA, M.G., & FIGUEIREDO, A. P. (2008). Depressão, ansiedade e estresse pós traumático em doentes com cancro colorreta.

REVISTA DE PSIQUIATRIA, Rio Grande do Sul, n. 30(1), 2008.

RICHARDSON, R. J. Pesquisa social: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas,1999.

SPIELBERGER, C.D; BIAGGIO; NATALICIO, L.F. – Manual do Idate – Rio de Janeiro, R.J., CEPA, 1979pielberger et al. (1970) o IDATE

SOARES, D. H. P. (2002). COMO TRABALHAR A ANSIEDADE E O ESTRESSE FRENTE AO VESTIBULAR. IN R. S. LEVENFUS & D. H. P. SOARES (ORGS.), ORIENTAÇÃO VOCACIONAL OCUPACIONAL: Novos achados teóricos, técnicos e instrumentos para a clínica, a escola e a empresa. Porto alegre, rs: artmed SOARES E MARTINS (2010)



XIII CONUCIC

Congresso UFPE de Ciências Contábeis



THOMAZ, P.E., ROCHA.,L.B., E MACHADO NETO, V. (2011). Estresse em estudantes de engenharia. Momento - Diálogos em Educação,

VASCONCELOS, T. C.; et al. Prevalência de Sintomas de Ansiedade e Depressão em Estudantes de Medicina. Revista Brasileira de Educação Médica, Recife, 2015.

VERGARA, Sylvia Constant. Métodos de pesquisa em administração. São Paulo: Atlas,1997.

ZIMBARDO, P. (2002). *A timidez*. (trad. M. P. Monteiro). Lisboa: Edições 70.